

PARTAGE NOIR



O texto de Malatesta ("*Kropotkin - Souvenirs et critiques d'un de ses vieux amis*") e o de Gaston Leval ("*Kropotkin et Malatesta*") foram publicados pelos *Cahiers de Contre-courant* em 1957.

Essas duas visões muito diferentes da obra de Kropotkin certamente farão com que o leitor queira ler ou reler esse grande pensador do anarquismo.

Centro de Cultura Libertária da Amazônia



**Contribuição e crítica ao
Pensamento de Kropotkin
Dois artigos: Malatesta e Leval**

<https://www.partage.noir.fr>
contact@partage-noir.fr
2021/30-09-2021

<https://cclamazonia.noblogs.org>
cclamazonia@gmail.com



Livros gratuitos disponíveis na Internet (em francês)

Piotr Kropotkin 1881 - *A Comuna de Paris*

<<https://fr.theanarchistlibrary.org/library/pierre-kropotkine-la-commune-de-paris>>

Piotr Kropotkin 1885 - *Palavras de um rebelde*

<<https://fr.theanarchistlibrary.org/library/pierre-kropotkine-paroles-d-un-revolte>>

Piotr Kropotkin 1892 - *A Conquista do Pão*

<<https://fr.theanarchistlibrary.org/library/pierre-kropotkine-la-conquete-du-pain>>

Piotr Kropotkin 1898 - *Memórias de um Revolucionário*

<<https://fr.theanarchistlibrary.org/library/pierre-kropotkine-memoires-d-un-revolutionnaire>>

Piotr Kropotkin 1902 - *Ajuda mútua, um fator de evolução*

<<https://fr.theanarchistlibrary.org/library/pierre-kropotkine-l-entraide-un-facteur-de-l-evolution>>

Sobre Piotr Kropotkin

"Kropotkine", resenha "Itinéraire - Une vie, une pensée" n°3 [PDF]

<http://anarlivres.free.fr/pages/documents/Itineraire_Kropotkine2.pdf>

podemos censurá-lo por não ter dado ênfase suficiente às lutas e desigualdades entre as corporações e à formação de uma burguesia de mestres contra os jornaleiros que iriam compor o proletariado. podemos responder que, se isso prova que as sociedades humanas foram capazes, em certos períodos, de viver com base nesse direito, o direito consuetudinário foi muitas vezes pior do que o direito e que, no cômputo geral, este último ainda é preferível. Quando ele atribui às massas um dom criativo que é espontâneo demais, podemos responder que ele está errado ao fazer isso porque ele também defende (o que a "massa" kropotkinista não queria ver) seja a atividade responsável e implacável das minorias revolucionárias, seja a da minoria anarquista, na perspectiva do presente e do imediato futuro.

Outras críticas podem ser feitas a ele, mais justas e bem fundamentadas do que as de Malatesta. Mas eu pergunto se, no desenvolvimento de todas as ciências, na busca e descoberta de todas as grandes verdades que implicam em um estudo prolongado, não foi sempre assim? A ciência deve ser abandonada pelo fato de ter se enganado mais de uma vez? Devemos demolir tudo porque encontramos contradições nas sucessivas contribuições dos pesquisadores? E voltar ao empirismo onde a ignorância ou a tolice domina?

Quaisquer que sejam os erros que possam ser atribuídos a Kropotkin, pelo menos o método que ele defendeu oferece, como é a natureza de qualquer método científico, a possibilidade de sucessivas correções, retificações e complementações. Aqueles que o aplicam sempre terão uma chance muito maior de encontrar a verdade do que aqueles que escrevem, de forma um tanto aleatória, como Malatesta fez. Um movimento social, uma filosofia social, uma corrente de pensamento só podem funcionar de forma útil, de acordo com os objetivos que perseguem, se agirem de forma orgânica, em uma continuidade de esforços coerentes em que o espírito crítico, que supervisiona toda a pesquisa, seja um guia para uma construção melhor.

Malatesta não nos deu esse exemplo, e ele mesmo, o anti-Kropotkiniano, era um Kropotkiniano no melhor de seus panfletos - uma pequena obra-prima: *Anarquia*. As teses que ele desenvolve neste livro são emprestadas da *Ajuda Mútua*, que cito novamente, porque esse livro, com tudo o que aprendemos com ele, estabelece as bases de uma filosofia biológica e social, teórica e prática, cujo escopo é imenso. Se formos capazes de desenvolver suas teses fundamentais e possibilidades intrínsecas, mesmo que eliminemos o que possa parecer questionável, nossas ideias exercerão uma enorme influência positiva no futuro da humanidade. Dificilmente exercerão alguma, com o "pensamento" malatestiano, ou a falta dele, apesar dos *insights* às vezes interessantes encontrados nele.

Piotr Kropotkin - Memórias e críticas de um velho amigo

Errico Malatesta

Piotr Kropotkin é, sem dúvida, uma das pessoas que mais contribuíram - talvez até mais do que Mikhail Bakunin e Elisée Reclus - para o desenvolvimento e a propagação da ideia anarquista. E por isso ele mereceu a admiração e o reconhecimento que todos os anarquistas têm por ele.

Mas, como um tributo à verdade e no melhor interesse da causa, é preciso reconhecer que seu trabalho não foi exclusivamente benéfico. Não foi culpa dele: pelo contrário, foi a própria eminência de seus méritos que produziu os males que me proponho a indicar.

Naturalmente, uma vez que Kropotkin, como qualquer outra pessoa, não poderia estar livre de erros ou conhecer toda a verdade, deveríamos ter aproveitado sua valiosa contribuição e continuado a pesquisa para obter mais progresso. Mas havia uma tentação muito grande de não admirar mais seus talentos literários, o valor e a massa de sua produção e sua atividade incansável. O prestígio do militante foi alimentado por sua fama de grande estudioso; pelo fato de ter sacrificado uma posição altamente privilegiada para defender, ao preço de muitos sacrifícios e muitos perigos, a causa popular; e, finalmente, pelo charme de sua pessoa, que encantava todos aqueles que tinham a sorte de se aproximar dele. Tudo isso lhe deu tanta notoriedade e influência que ele apareceu e, na maior parte do tempo, foi realmente o mestre reconhecido da grande maioria dos anarquistas. Assim, aconteceu que os críticos ficaram desanimados diante dele. E ocorreu uma interrupção no desenvolvimento da ideia. Por muitos anos, apesar do espírito iconoclasta e progressista dos anarquistas, a maioria deles apenas estudou e repetiu Kropotkin como teoria e propaganda. Dizer o contrário do que ele era, para muitos camaradas, quase uma heresia.

Já é hora de submetermos os ensinamentos de Kropotkin a uma crítica sem consideração e sem prevenções. Dessa forma, podemos distinguir o que ainda está vivo e verdadeiro neles daquilo que o pensamento e a experiência posteriores ultrapassaram e contradisseram.

Além disso, essa triagem não diz respeito apenas a Kropotkin, pois os erros com os quais podemos censurá-lo já eram professados pelos anarquistas antes de ele próprio ter adquirido uma posição de liderança no movimento. Sem dúvida, ele confirmou esses erros e os tornou duradouros, dando-lhes o apoio de seu talento e prestígio; mas nós, os antigos militantes, todos, ou quase todos, temos nossa parcela de responsabilidade na estagnação da ideia.

Ao falar de Kropotkin hoje, não tenho a intenção de examinar toda a sua doutrina em profundidade. Quero apenas evocar algumas impressões ou lembranças que podem servir, acredito, para tornar sua personalidade moral e intelectual mais conhecida e para entender melhor seus méritos e defeitos.

Mas, primeiro, direi algumas palavras que vêm ao meu coração, porque não consigo pensar em Kropotkin sem me emocionar com a lembrança de sua imensa bondade. Vou me lembrar do que ele fez em Genebra - no inverno de 1879 - para ajudar um grupo de refugiados italianos, inclusive eu, em sua luta contra a pobreza extrema. Lembrei o cuidado, de certa forma maternal, que ele teve comigo em Londres, quando, vítima de um acidente, eu estava batendo à sua porta uma noite. Vou me lembrar de seus atos de bondade para com todos; vou me lembrar da atmosfera de cordialidade que se respirava ao seu redor.

*

Ambos éramos otimistas por temperamento (acredito, entretanto, que o otimismo de Kropotkin excedia em muito o meu, e talvez tivesse outra origem); víamos as coisas do lado certo; víamos as coisas como muito mais bonitas, infelizmente! do que eram. Há mais de cinquenta anos, estávamos contando com uma revolução futura que teria realizado nosso ideal. Foi um longo período de espera com muitos momentos fugazes de dúvida e desânimo. Lembro-me, por exemplo, que certa vez Kropotkin me disse: *"Meu caro Errico, temo que sejamos os únicos, você e eu, que acreditamos na iminência de uma revolução"*. Mas logo a confiança voltou. De alguma forma, explicamos as dificuldades atuais e o ceticismo dos camaradas; e continuamos a trabalhar e a ter esperança.

Kropotkin e eu não tínhamos as mesmas opiniões em tudo. Pelo contrário, muitas ideias fundamentais nos dividiam. Dificilmente tínhamos alguma reunião sem oposições agudas e discussões irritantes. Mas, como Kropotkin sempre tinha certeza de que estava certo e não conseguia suportar calmamente a contradição, e como, por outro lado, eu tinha muito respeito por seu conhecimento e muita consideração por sua saúde debilitada, sempre acabávamos mudando a conversa para não esquentar demais.

ficaríamos muito felizes se outros partidos o fizessem (e é de se perguntar o que aconteceria com a anarquia); e então, e essa foi sua última posição, que em uma revolução deveríamos nos limitar ao "experimentalismo livre". Em que isso consistia? Exigir dos comunistas bolcheviques, com armas na mão se necessário, nosso direito de praticar nossas ideias, de experimentá-las livremente em ilhas anarquistas formadas no meio da revolução ditatorial. A menor lógica e a experiência histórica nos provaram que isso nunca seria possível. Bastava lembrar o que havia acontecido na Rússia. Se nem mesmo eles recorressem contra nós, à dissolução violenta e ao massacre, como Trotsky havia feito na Rússia, seria suficiente nos privar de matérias-primas para sufocar essas tentativas perigosas de ditadura. Malatesta não pareceu perceber. E todas essas disposições contraditórias foram defendidas quase simultaneamente. O mesmo acontecia com outros problemas de importância decisiva, como o dos sindicatos após uma revolução. A seis meses de intervalo, Malatesta defendia seu desaparecimento porque, nascidos da luta contra o capitalismo, eles não teriam razão de existir depois do capitalismo, ou então a atividade dos anarquistas nos sindicatos, cujo uso ele defendia como a base da nova sociedade. As mesmas contradições quanto ao princípio jurídico econômico mais recomendável. Malatesta defendeu muito bem o comunismo anárquico e certas formas de coletivismo. E quando Fabbri escreveu um livro sobre o pensamento de seu mestre - que, em parte, havia paralisado o seu próprio - ele só pôde concluir que, em economia, Malatesta queria... "liberdade".

A ausência de método, de pensamento coordenado, significou que uma inteligência brilhante, uma mente afiada, foi de alguma forma desperdiçada por falta de coerência, continuidade e vontade no esforço intelectual.

Além disso, Malatesta, de forma mais breve, execrou Bakunin ao reprová-lo, como se esse fosse o aspecto essencial e único do pensamento desse homem formidável como pensador e organizador, por ter desafiado a natureza. Isso é realmente desconcertante.

Certamente, há alguns erros nos escritos de Kropotkin. Já expressei minhas reservas em vários pontos. Malatesta estava certo quando escreveu - mas outros também o disseram - que Kropotkin elaborou certas ideias e depois tentou justificá-las por meio da ciência. Mas isso vai contra o uso da ciência na sociologia, do método científico, aplicado de acordo com as habilidades e a cultura de cada um, do estudo sistemático e sério, coordenado, controlado e re-controlado que, mesmo que não afirme ser científico, o é sem saber? De modo algum. Quando Kropotkin vê, nas corporações da Idade Média, apenas associações de ajuda mútua,

discursivo para analisar as origens do Estado e a evolução das sociedades humanas, segui um caminho completamente diferente daquele indicado por Malatesta. Não tendo nascido com uma ciência infundida, nem com um gênio que se destacasse, acreditei, modestamente, que deveria estudar.

E em meu treinamento intelectual, o método defendido por Kropotkin foi o mais útil para mim. Mas, vamos repetir, esse método era apenas kropotkiniano? De modo algum. Todos os sociólogos do anarquismo não individualista: Proudhon, Bakunin, Elisée Reclus, Ricardo Mella, Pietro Gori, Anselmo Lorenzo, Jean Grave, Tarrida del Marmol, etc., viam na ciência, ou seja, repita-se, no conhecimento o mais amplo, sério e profundo possível, uma das bases ou armas do anarquismo. Nesse sentido, Malatesta é o único de sua opinião e, ao atacar Kropotkin, ele também está atacando todos os outros.

Ele tem o direito de assumir a posição que quiser, mas se eu já respondi a seus artigos anti-Kropotkin, se eu os respondo incansavelmente, é porque eles destroem, para os desinformados, Kropotkin como sociólogo e pensador. Quando alguém lê esses artigos, pode acreditar que é inútil ler Kropotkin e que é inútil estudar. A sociologia passa a ser o domínio daqueles que sabem como fazer um artigo de acordo com a inspiração do momento e defender, por terem um excelente dom literário - como é o caso de Malatesta - as coisas mais contraditórias sob uma aparente lógica de raciocínio. É uma questão de dialética e de jogo dialético.

Isso acontece com frequência com Malatesta. Por volta de 1934, tive uma troca de correspondência com seu discípulo Luigi Fabbri, que na época publicava *Studi Sociali* em Montevideu, na qual esse camarada e amigo me escreveu que seria necessário passar por estágios autoritários antes que nossas ideias pudessem triunfar em uma revolução. Respondi que era seu dever escrever o que pensava e propus uma polêmica em seu jornal, com a qual contribuí. Ele aceitou. Fabbri defendeu ideias que eram as de Malatesta, ele enfatizou em sua carta. Elas me pareceram tão diferentes do que eu conhecia de Malatesta que comecei a ler metodicamente os artigos, panfletos e coleções de artigos de Malatesta, e descobri que ele defendia os mesmos problemas, sempre com a mesma facilidade dialética, o mesmo dom de raciocínio que faz com que o leitor desinformado aceite as teses mais contraditórias. Com a mesma lógica convincente, ele declarava que, se os anarquistas não soubessem dirigir a revolução colocando-se à frente dela, seriam os autoritários que o fariam e, então, adeus à anarquia; ou que os anarquistas, sendo uma minoria, não poderiam pensar em fazer uma revolução anarquista sem exercer uma ditadura, o que seria a negação da anarquia, ou que, já que não poderíamos lidar com todas as tarefas que uma revolução imporia,

Isso não afetou a intimidade de nosso relacionamento. Pois nós nos amávamos - e colaborávamos - por razões sentimentais e não intelectuais. Qualquer que fosse a diferença em nossa maneira de interpretar e explicar os fatos; quaisquer que fossem os argumentos opostos com os quais pretendíamos justificar nossa conduta - na prática, queríamos as mesmas coisas e éramos movidos pelo mesmo desejo intenso de liberdade, justiça e bem-estar para todos. Portanto, poderíamos avançar de comum acordo.

De fato, nunca houve qualquer conflito sério entre nós, até o dia em que, em 1914, surgiu uma questão de conduta prática da maior importância para mim e para ele: a atitude que os anarquistas deveriam tomar em relação à guerra. Nessa ocasião fatídica, suas antigas preferências por tudo o que fosse russo ou francês foram despertadas e exaltadas em Kropotkin, e ele se declarou um fervoroso defensor da Entente. Ele parecia ter se esquecido de que era um internacionalista, um socialista e um anarquista. Esqueceu-se do que ele próprio, pouco tempo antes, havia denunciado e proclamado sobre *"a guerra que os capitalistas estavam preparando"*. Começou a admirar os piores bebedores de sangue entre os estadistas e generais da Entente; a chamar de covardes os anarquistas que se recusavam a participar da união sagrada; a lamentar o fato de que a idade e a saúde não lhe permitiriam pegar uma arma e marchar contra os alemães. Portanto, não era mais possível conviver: para mim, era um caso realmente patológico. De qualquer forma, um dos momentos mais tristes e trágicos de minha vida (e ousou dizer que da dele também) foi quando, após uma discussão excessivamente dolorosa, nos separamos - como adversários, quase como inimigos.

Grande foi minha tristeza pela perda do amado companheiro e pelo dano que a causa sofreria, por todos os problemas que tal deserção causaria no coração de nossos camaradas. E, apesar de tudo, permaneceu em mim o amor e a estima pelo homem que havia se desviado; bem como a esperança de que, uma vez passada a intoxicação do momento, diante das consequências previsíveis da guerra, ele reconheceria seu erro e voltaria para nós, o Kropotkin de todos os tempos...

Kropotkin era um estudioso e um reformador social. Ele era possuído por duas paixões: o desejo de saber e o desejo de fazer o bem para a humanidade; duas paixões nobres que podem ser úteis uma para a outra e que gostaríamos de ver em todos os homens - sem que sejam a mesma coisa. Mas Kropotkin tinha uma mente eminentemente sistemática. Ele queria explicar tudo pelo mesmo princípio e reduzir tudo à mesma unidade. E muitas vezes ele simplificava, em minha opinião, às custas da verdade e da lógica.

Não tenho competência especial para julgar Kropotkin como um estudioso. Sei que em sua juventude ele prestou serviços notáveis à geografia e à geologia; aprecio o grande valor de seu livro *A Ajuda Mútua*; e estou convencido de que esse cérebro poderia, por sua vasta cultura e alta inteligência, ter feito uma contribuição maior para o progresso da ciência, se a atenção e a atividade do homem não tivessem sido absorvidas pela luta social. No entanto, parece-me que faltava algo em Kropotkin para ser um verdadeiro homem de ciência, a capacidade de esquecer seus desejos e preconceitos para observar os fatos com objetividade impassível. Pareceu-me que ele era mais o que eu chamaria de poeta da ciência. Capaz de vislumbrar novas verdades por meio de intuições geniais, ele deveria ter deixado para outros a tarefa de estabelecê-las e verificá-las; quero dizer, para pesquisadores que, sem serem dotados de gênio, teriam sido mais bem dotados do que chamamos de espírito científico. Kropotkin era apaixonado demais para ser um observador preciso.

Geralmente, ele concebia uma hipótese e depois procurava as evidências que a sustentavam. Esse é um bom método para descobrir algo novo, mas não é suficiente para fazer o trabalho da verdade. Com muita frequência, Kropotkin inconscientemente ignorava os fatos que contradiziam sua hipótese e queria verificá-la a todo custo.

Ele não podia afirmar um fato, ou mesmo levá-lo em consideração, até que conseguisse explicá-lo, ou seja, fazê-lo se encaixar em seu sistema.

Como exemplo dessa tendência, vou contar uma anedota, cujo ponto de partida é o seguinte.

Durante os anos de 1885 a 1889, eu estava nos pampas argentinos e li por acaso sobre os experimentos hipnóticos da Escola de Nancy, da qual eu nunca tinha ouvido falar. Fiquei muito interessado, mas não tive a oportunidade de aprender mais. Quando retornei à Europa, vi Kropotkin em Londres e perguntei se ele poderia me dar alguma informação sobre hipnotismo. Kropotkin me disse categoricamente que eu não deveria acreditar nisso; que se tratava apenas de imagens ou alucinações. Algum tempo depois, voltei a vê-lo e a conversa se voltou novamente para o hipnotismo. Para minha surpresa, descobri que sua opinião havia mudado completamente: aos seus olhos, os fenômenos hipnóticos haviam se tornado interessantes e dignos de estudo. O que havia acontecido? Será que ele havia sido apresentado a novos fatos? Teria sido forçado, sob a pressão de provas convincentes, a admitir os fatos que a princípio negava? Nada disso. Ele simplesmente havia lido, em um livro de um fisiologista alemão, uma teoria sobre a relação entre dois hemisférios cerebrais, uma elucidação

Os fundamentos da anarquia não se limitavam, portanto, às últimas descobertas da física, e afirmar isso é distorcer totalmente o pensamento kropotkiniano.

É mais uma censura infundada de Malatesta nos mostrar Kropotkin defendendo a submissão do homem ao determinismo universal, no sagrado nome da ciência. Se alguns "cientistas" escreveram coisas como essa, Kropotkin não é responsável por isso, assim como Malatesta não seria responsável se, em nome de seu "voluntarismo", indivíduos jogassem bombas para manifestar sua vontade revolucionária. Kropotkin - e aqui novamente Bakunin o precedeu, com uma profundidade insuperável - era inteligente demais para não saber que a vontade humana, por mais determinada que seja, é também, em sua própria escala, um fator de determinismo cósmico e, acima de tudo, planetário, e nunca, em nenhum de seus escritos, ele defendeu essa submissão do homem às leis da física ou da biologia. As citações que fiz comprovam essa afirmação.

Isso pode ser comprovado pela leitura de todos os livros de Kropotkin. Seja em *A Grande Revolução*, em suas Memórias, em *Palavras de um Homem Revoltado*, em *Ciência Moderna e Anarquia*, em vários panfletos, incluindo *A Moral Anarquista*, em que ele exorta os jovens a lutar pela justiça em nome da plenitude da vida, no panfleto *Aos Jovens*, etc., Kropotkin sempre considerou o fator vontade humana, que é a principal descoberta malatestiana, como um dos elementos necessários da história. Tomar um aspecto de seu pensamento - que, de qualquer forma, vai além da mediocridade filosófica - e torná-lo seu pensamento completo não é um procedimento justo ou eticamente defensável.

Conheço quase tudo o que foi publicado dos escritos de Malatesta, em italiano e espanhol, e conheço Kropotkin, bem como outros teóricos do anarquismo. Posso dizer que, no que diz respeito à ciência, Malatesta é o único que assumiu essa posição negativa e desdenhosa. Essa posição coincide com a perigosa reação anticientífica de uma certa filosofia espiritualista da qual Benedetto Croce foi o mais destacado teórico na Itália. É bom e necessário que reajamos aos excessos das concepções materialistas do século XIX, que, na lenta descoberta da verdade, ignoram o que a psicologia e o estudo do mundo psíquico nos revelariam. Não é necessário rejeitar a ciência em si. É por isso que, em certos círculos anarquistas onde se estuda, a influência exercida por Malatesta e sua filosofia voluntarista - já é um absurdo opor a vontade à ciência - foi efêmera. É por isso que, ao lidar com a economia, a sociologia e a reorganização social de uma forma que não seja meramente imaginativa, não se contentando com o método

Sou obrigado a dizer que, ao fazer isso, Malatesta distorce absolutamente o pensamento de Kropotkin. Qualquer pessoa que leia *Ciência Moderna e Anarquia* verá, na página 46 da edição francesa, que a frase reproduzida pertence ao capítulo intitulado "Posição da Anarquia na Ciência Moderna". Nele, Kropotkin responde à pergunta: "Que posição a anarquia ocupa no grande movimento intelectual do século XIX? Colocando-se nesse terreno em que a filosofia não pode ignorar as novas descobertas, ele explica que a ciência, ou seja, o conhecimento adquirido sobre a natureza e a constituição da matéria, o mecanismo do universo e a evolução das formas vivas e dos organismos sociais, constitui um todo que dá uma base segura à filosofia materialista; que essa filosofia materialista, ao eliminar a concepção autoritária que supõe um Deus criador e diretor do mundo, permite a elaboração de uma filosofia na qual o progresso é obra de uma evolução perfeitamente natural, sem a intervenção de uma fonte e inteligência externas. Portanto, as leis naturais - ou melhor, os "fatos" naturais - devem ser a base para o desenvolvimento de uma filosofia do progresso.

— São essencialmente não autoritários, e que essa vasta síntese do mundo permite a elaboração de uma nova filosofia social. Essa, diz Kropotkin, é a posição da anarquia "antes do movimento intelectual do século XIX".

O fato de isso estar além das preocupações intelectuais de Malatesta é seu assunto. Bakunin, antes de Kropotkin, havia elaborado uma filosofia semelhante. Para ele, o socialismo era a consequência direta e lógica da concepção materialista do universo. Mas sabemos, com certeza, que ele tinha outros motivos para lutar. Kropotkin também as tinha. Basta lê-lo para saber disso.

Pois, como Malatesta parece ignorar, desde o primeiro capítulo de *Ciência Moderna e Anarquia*, todos podem ler: "*Como o socialismo em geral, e como qualquer outro movimento social, a anarquia nasceu entre o povo, e manterá sua vitalidade e força criativa apenas enquanto permanecer popular*". Na página três, ele insiste mais longamente nessa afirmação. Em seguida, ele nos mostra os elementos populares lutando contra a opressão, criando costumes como normas legais, mas, em sua maioria, precedidos por indivíduos mais ou menos isolados que se revoltaram. Todos os reformadores, políticos, religiosos e econômicos - escreve ele - pertenciam à primeira categoria. E entre eles sempre houve indivíduos que, sem esperar que todos os seus concidadãos, ou mesmo apenas uma minoria deles, estivessem imbuídos das mesmas intenções, foram em frente e se levantaram contra a opressão - seja em grupos mais ou menos numerosos, ou sozinhos, individualmente, se não fossem seguidos. Encontramos esses revolucionários em todos os períodos da história.

da qual se poderia extrair, em vão, uma explicação dos fenômenos hipnóticos.

Dada essa disposição, que o fazia acomodar as coisas à sua maneira em questões de ciência pura - onde o desinteresse é grande o suficiente para que a paixão não perturbe o intelecto - pode-se imaginar como era para Kropotkin quando uma questão sociológica que tocava de perto seus maiores desejos e esperanças estava em jogo.

*

Kropotkin professava a filosofia materialista que predominava entre os acadêmicos na segunda metade do século XIX. Era a filosofia de Moleschott, Büchner, Vogt, etc.; uma concepção rigorosamente determinista e mecânica do universo, que admitia como real apenas o que conseguia interpretar.

Essa concepção negava a existência da vontade, um poder criativo cuja natureza e fonte não podemos compreender, assim como não compreendemos a natureza e a fonte da "matéria" e de todos os outros "primeiros princípios". O fato de a vontade dos homens poder contribuir de alguma forma para decidir sua própria conduta e o comportamento geral das sociedades era, para Kropotkin, uma ilusão, pois, de acordo com o determinismo, tudo o que foi, é e será está escrito - a gravitação das estrelas; o nascimento e o declínio das civilizações; o surgimento no mundo do perfume de uma rosa ou do sorriso de uma mãe; um terremoto; o pensamento criativo de um Newton; a crueldade dos tiranos e a bondade dos santos etc. Tudo isso tinha que ser, deve ser e será escrito no futuro. Tudo isso teve que acontecer, teve que acontecer e terá que acontecer, por uma sequência fatal de causas e eventos, de natureza mecânica, não deixando nenhuma possibilidade de variação nos resultados. A própria ilusão da vontade seria apenas um fato mecânico, tão estritamente determinado quanto os outros.

Naturalmente, em uma boa lógica, se a vontade não tem poder, se tudo é necessário e não pode ser de outra forma, as ideias de liberdade, justiça e responsabilidade não têm significado, não correspondem a nada real.

Logicamente, se a vontade é uma ilusão, não resta nada além de contemplar o que acontece no mundo - com indiferença, prazer ou dor, dependendo da natureza de nossa própria sensibilidade - mas sem nenhuma esperança, sem nenhuma possibilidade de mudar nada.

*

Assim, Kropotkin - que foi tão severo com o fatalismo "dialético" dos marxistas - associou seu pensamento ao fatalismo "mecânico", que é muito mais paralisante.

Mas a filosofia determinista não conseguiu matar a vontade poderosa que havia em Kropotkin.

Ele estava muito imbuído de seu sistema para renunciar a ele, ou apenas para suportar tranquilamente que seu valor universal fosse questionado; mas ele desejava a justiça e a liberdade com paixão demais para se deixar deter pela dificuldade de uma contradição lógica e desistir da luta. Ele se safou inserindo a anarquia em seu sistema e tornando-a uma "verdade científica".

Ele confirmou sua convicção, sustentando que todas as descobertas recentes em todas as ciências - da astronomia à biologia e à sociologia - contribuíram para demonstrar cada vez mais claramente que a anarquia, como ele a concebia, é precisamente o modo de organização social imposto pelas leis naturais. Eu objetei que, se novas descobertas destruíssem as crenças científicas atuais, ele, Kropotkin, sem dúvida continuaria sendo um anarquista, apesar da ciência - assim como continua sendo um anarquista hoje, apesar da lógica. De fato, Kropotkin não teria sido capaz de admitir a possibilidade de um conflito entre a "Ciência" e suas próprias aspirações sociais. Ele sempre teria planejado uma maneira (lógica ou não, não importa) de preservar e conciliar sua filosofia determinista e seu anarquismo como crenças. E assim ele escreveu: "*A anarquia é uma concepção do universo baseada na interpretação mecânica dos fenômenos e que abrange toda a natureza, inclusive a vida das sociedades*". (Confesso que nunca consegui entender o que isso significa). Depois disso, Kropotkin esqueceria completamente sua concepção mecanicista e se lançaria na luta com toda a verve, entusiasmo e confiança de alguém que acredita na eficiência de sua vontade e que espera, por meio de sua atividade consciente e voluntária, obter algum resultado desejado, ou pelo menos contribuir para obtê-lo.

*

O anarquismo e o comunismo de Kropotkin, antes de serem uma questão de raciocínio, eram o resultado de sua sensibilidade. Nele, a paixão falava primeiro; depois vinha o raciocínio, para justificar e reforçar os impulsos efetivos.

O que constituía a essência de seu caráter era o amor pelos homens, a simpatia pelos pobres e oprimidos. Ele realmente se preocupava com os outros; e a injustiça, mesmo que se manifestasse a seu favor, era insuportável para ele.

Na época em que estive com ele em Londres, ele ganhava muito bem contribuindo para revistas e outras publicações científicas e, portanto, desfrutava de condições relativamente boas. Mas ele sentia uma sensação de remorso por estar

Aos trinta anos de idade, foi nomeado presidente da Sociedade Geográfica Russa pelas brilhantes descobertas que havia feito sobre a orografia geral da Ásia. Ele foi, no lugar de Huxley, o grande continuador de Darwin, colaborador e editor da *British Encyclopaedia*. Seu valor como naturalista é demonstrado em livros como *A Ajuda Mútua*, onde pela primeira vez é apresentada toda uma filosofia social baseada na solidariedade entre as espécies animais e na pré-história e história da humanidade. Elisée Reclus fez com que Kropotkin colaborasse na redação da *Géographie Universelle*, no que dizia respeito à Rússia e à Ásia. Quem leu *Campos, Fábricas e Oficinas*, viu seu vasto conhecimento de assuntos econômicos, conhecimento que brilha, juntamente com o da história da civilização, nos primeiros capítulos de *A Conquista do Pão*, que pode ser encontrado no forte panfleto *O Estado e seu papel histórico* e em *A Ciência Moderna e a Anarquia* [1]. *A Ética* demonstra imensa erudição, e até mesmo capítulos individuais *de Palavras de um Revoltado* demonstram um conhecimento que vai além do amator. Se, na época da prisão de Kropotkin na França, homens como Herbert Spencer assinaram o protesto de uma parte do mundo científico inglês, não foi apenas porque ele era um condenado político.

Esse "poeta da ciência" pode ter sido um deles, mas foi muito mais do que isso. Havia mais grandes homens de ciência, mas Kropotkin era um deles. E é lamentável que não tenha havido muitos outros com o mesmo valor - o que não me faz esquecer Elisée Reclus.

Assim lançado, Malatesta faz críticas fundamentais a Kropotkin. Em primeiro lugar, o fato de ter baseado a anarquia apenas na ciência. Para isso, ele reproduziu várias vezes uma frase extraída de *A Ciência Moderna e a Anarquia*. Essa frase é a seguinte: "*A anarquia é uma concepção do universo, baseada em uma interpretação mecânica dos fenômenos, que abrange toda a natureza, inclusive a vida das sociedades*". O que isso tem a ver com anarquia? O fato de o universo poder ou não ser explicado de acordo com as últimas descobertas da física não impede que a opressão do homem pelo homem e a exploração do homem pelo homem sejam uma injustiça e que sejam combatidas.

Nisso, ele estava certo, e essa primeira reação é tão óbvia que ele tem a opinião de todos os seus leitores. Mas seu primeiro erro é apresentar essa frase, extraída de um parágrafo que pertence a um capítulo de um livro que contém muitos outros, como a única base que Kropotkin deu à anarquia.

[1] Também gostaria de dizer que, apesar da emoção histórica que contém, este livro fica muito aquém da importância do assunto. Há mais a dizer, mesmo na época em que foi escrito.

Kropotkin e Malatesta

Gaston Leval

O *Contre-courant* recentemente reproduziu um artigo no qual Malatesta atacou o trabalho intelectual de Kropotkin. Esse artigo não foi o único do gênero publicado pelo mesmo autor. Li outros que, em sua época, exerceram, na América do Sul, onde eu estava, uma influência real, mas passageira, em certos círculos anarquistas comunistas. Eu mesmo, à primeira vista, fiquei impressionado com sua lógica aparente e, com a morte de Malatesta, afirmei, na revista *Nervio*, de Buenos Aires, que a princípio, a posição de Malatesta era superior à de Kropotkin.

Mas, como um autodidata em constante treinamento, sempre pesquisando, sempre estudando, e estudando tanto Kropotkin quanto Malatesta, logo me convenci de que a posição deste último levava a um beco sem saída, a um tipo escolástico medieval do qual o estudo seria banido, e onde a dialética dos literatos mais habilidosos prevaleceria sobre um conhecimento profundo dos fatos. Ao rejeitar a ciência, estávamos, na realidade, rejeitando qualquer estudo sistemático e sério dos diferentes problemas com os quais nos preocupávamos - pois é isso que a ciência é - e estávamos condenando o pensamento anarquista a não ser mais do que uma tagarelice mais ou menos hábil, mais ou menos eloquente, mas sem consistência e sem a possibilidade de qualquer influência real no pensamento social do presente e do futuro. Isso, na prática, levou ao nada. Só os vaidosos, neste século em que os estudos coordenados trazem e continuam trazendo tantos elementos de apreciação que limitam nossas pretensões de saber tudo e de querer decidir tudo, podem se contentar com isso.

As críticas de Malatesta foram feitas após a morte de Kropotkin, o que é e foi profundamente lamentável. De seu conjunto, ousou afirmar que muito pouco de valor permanece. As aparências são diferentes para aqueles que não leram com sutileza nem o atacante, nem o ~~atacado~~

Malatesta erra o alvo quando apresenta Kropotkin como um mero "poeta da ciência". Seria necessário saber até que ponto ele está qualificado para fazer tal afirmação. Pois sua inteligência aguda não o impede de ser um estudante que frequentava mais os círculos revolucionários do que a universidade, e não há nada em todos os seus escritos que permita que ele seja considerado suficiente para julgar Kropotkin dessa maneira.

em uma situação melhor do que a maioria dos trabalhadores braçais. Ele dizia com frequência, falando de si mesmo e daqueles como ele: *"Se pudemos nos educar e desenvolver nossas faculdades; se temos acesso a alegrias intelectuais; se vivemos em condições materiais aceitáveis; é porque nos beneficiamos, por acaso, da exploração que os trabalhadores sofrem; portanto, para nós, a luta pela emancipação dos trabalhadores é um dever; é uma dívida sagrada que devemos pagar"*. Por amor à justiça, e como que para expiar os privilégios de que desfrutava, Kropotkin renunciou à sua posição, abandonando os estudos que amava para se dedicar à educação dos trabalhadores de São Petersburgo e à luta contra o despotismo dos tzars. Movido pelos mesmos sentimentos, ele se juntou à Internacional e aceitou as ideias anarquistas. Por fim, entre as várias formas de conceber a anarquia, ele escolheu e fez seu o programa comunista-anarquista, que, sendo baseado na solidariedade e no amor, vai além da própria justiça.

Agora, unindo a humildade à virtude (e quase à santidade), Kropotkin escondeu de si mesmo o que havia de heroico em sua conduta, impondo a si mesmo uma doutrina de absoluta irresponsabilidade. Esse foi mais um sacrifício, mas muito mais perigoso do que útil. Pois, naturalmente, e como era de se esperar, sua filosofia de irresponsabilidade não ficou sem influência em sua maneira de conceber o futuro anarquista e de conduzir a luta diária do revolucionário.

Como, de acordo com sua filosofia, tudo o que acontece deve necessariamente acontecer, ele achava que o anarquismo-comunismo, como ele desejava, também deveria triunfar fatalmente. Pois ou o anarquismo-comunismo era impossível, ou era inevitável - e isso como uma lei da natureza.

Kropotkin rejeitou de todo o coração a impossibilidade do comunismo e fez do advento fatal do comunismo um artigo de fé. Isso afastou dele toda sombra de dúvida; ocultou toda aparência de dificuldade. O mundo burguês estava fadado ao colapso; já estava em dissolução, e a ação revolucionária serviu apenas para apressar sua queda. Desejar e acreditar, acreditar e desejar - são a mesma coisa para mentes como a dele.

A grande influência de Kropotkin junto às massas dependia precisamente do fato de que ele mostrava a coisa desejada como sendo tão simples, tão fácil, tão inevitável que o entusiasmo de acreditar se comunicava imediatamente àqueles que o ouviam ou liam.

Todas as dificuldades morais desapareciam a seus olhos, porque ele atribuía ao "povo", à massa de trabalhadores, todas as virtudes e todas as habilidades". E, embora tenha exaltado corretamente a influência moralizadora do trabalho, ele não conseguia enxergar os efeitos

deprimentes e corruptores da miséria e da sujeição. E ele achava que seria suficiente proclamar a perda dos privilégios dos capitalistas e do poder dos governantes, para ver todos os homens se amarem como irmãos e cuidarem dos interesses uns dos outros como se fossem seus próprios interesses.

Da mesma forma, ele não enxergou as dificuldades materiais da revolução ou se livrou delas com muita facilidade. Ele havia aceitado a ideia, comum na época entre os anarquistas, de que os produtos acumulados da terra e da indústria são superabundantes; que por muito tempo será inútil induzir os homens à produção; que o problema imediato era o do consumo; que para fazer as ideias revolucionárias triunfarem, seria necessário apenas satisfazer de uma vez e amplamente as necessidades de todos; e que o esforço dos braços seguiria, por si só, o ritmo das mandíbulas. Daí a ideia da pilha, que ele tornou moda e que é uma forma escandalosamente simplista de conceber o comunismo.

Uma revolução econômica assim concebida agrada aos ouvidos da multidão, mas essa ideia é também a mais primitiva e a mais perigosa. Quando Kropotkin foi informado de que um grande acúmulo de produtos armazenados era impossível, porque os capitalistas só produzem o que podem vender com lucro; Quando foi sugerido que, talvez nos primeiros dias da revolução, o racionamento deveria ser organizado e a produção intensiva deveria ser incentivada, em vez do convite ao entesouramento, quando foi insinuado que, de fato, não haveria "entesouramento", mas fome - então ele começou a estudar a questão diretamente, chegou à conclusão de que, de fato, não existia abundância e que vastas áreas superpovoadas estavam continuamente sob ameaça de fome. Mas ele saiu de sua situação difícil avaliando as grandes possibilidades da agricultura com o auxílio da ciência. Ele tomou como exemplo os resultados obtidos por alguns agricultores ou agrônomos em áreas limitadas e tirou as consequências mais animadoras.

Ele não viu os obstáculos que seriam criados pela ignorância e aversão dos camponeses a qualquer coisa nova. Ele não pensou no tempo que levaria para generalizar os novos métodos de cultivo e produção; a distribuição gratuita parecia possível, indispensável, dependendo das colheitas que viriam.

Como sempre. Kropotkin via as coisas como ele gostaria que fossem - e como todos nós desejamos que sejam um dia. E ele via como existente, ou imediatamente alcançável, aquilo que só pode ser conquistado por meio de esforços longos e árduos. Basicamente, Kropotkin concebia a natureza como uma espécie de Providência maternal, por meio da qual a harmonia deveria reinar em todas as coisas, inclusive nas sociedades humanas.

Foi isso que fez com que muitos anarquistas repetissem esta frase deliciosamente kropotkiniana: "A anarquia é a ordem da natureza".

Alguém poderia perguntar, penso eu, como é que a Natureza, se é verdade que sua lei universal segue a harmonia, permitiu que o sistema atual fosse estabelecido em seu seio. Por que ela deveria ter esperado que os anarquistas viessem ao mundo, por que ela ainda deveria esperar que eles triunfassem, a fim de destruir, por meio de sua intervenção corretiva, as terríveis e assassinas discordâncias que os homens sempre sofreram? Não seria mais próximo da verdade dizer que a anarquia é a luta, nas sociedades humanas, contra as discórdias da natureza?

*

Insisti nos dois erros em que, em minha opinião, Kropotkin caiu. Seu fatalismo teórico e seu otimismo excessivo me pareceram dignos de nota, porque acredito ter visto os maus resultados que eles produziram em nosso movimento.

Houve companheiros que levaram a sério a teoria fatalista - que eufemisticamente chamamos de determinismo - e que, conseqüentemente, perderam todo o espírito revolucionário. A revolução, diziam eles, não pode ser ordenada; ela virá em seu próprio tempo, e é inútil, anticientífico e até ridículo tentar "fazê-la". Com essas boas razões, eles se afastaram do movimento e seguiram com seus negócios. Uma desculpa **suficiente** e ruim para se retirar da luta. Esse é apenas um dos muitos mal-entendidos contra os quais lutei durante toda a minha vida.

Conheci vários companheiros de temperamento ardente, prontos para correr qualquer risco, que se expuseram a grandes perigos e sacrificaram sua liberdade e suas vidas em nome da anarquia, embora estivessem convencidos da inutilidade de sua ação. Eles fizeram isso por desgosto com a sociedade atual, por vingança, por desespero, por amor ao belo gesto, mas sem acreditar que estavam servindo à causa da revolução; e, conseqüentemente, sem escolher o alvo e o momento e sem se preocupar em coordenar sua ação com a dos outros. Eles serviram à causa da revolução, mas a serviram mal.

Eu terminei. Não acredito que minha crítica possa diminuir a figura de Kropotkin - que continua sendo, apesar de tudo, uma de nossas glórias e um dos personagens mais puros de nosso movimento. Pelo contrário, essas críticas servirão, se estiverem corretas, para demonstrar que nenhum homem está livre de erros, nem mesmo se tiver a inteligência elevada e o coração heroico de um Kropotkin.

(Tradução para o francês de André Prunier a partir de um estudo publicado em 15 de abril de 1931 na revista Studi Sociali).